

O 1968 E O AI-5 NO PARÁ: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS

1968 AND AI-5 IN PARÁ: MEMORIES AND HISTORIES

Edilza Joana Oliveira Fontes¹
Kelly Chaves Tavares²

Resumo

O artigo analisa as memórias de professores, alunos e servidores da UFPA sobre o ano de 1968 e o contexto do pós AI-5, na cidade de Belém do Pará. O artigo trabalha com o acervo digital construído com os depoimentos de 56 pessoas que participavam do movimento estudantil na UFPA e que sofreram violações dos direitos humanos. Os depoimentos fazem parte do acervo digital do Projeto “A UFPA e os Anos de Chumbo: memórias, traumas, silêncios e cultura educacional (1964-1985)” que se encontra publicado no repositório da UFPA. O trabalho com memórias permite ao historiador ampliar seu aporte de fontes e analisar a memória com uma fonte possível de ser usada, fazendo uma vinculação com o tempo do lembrado e o tempo da narração. O uso do acervo digital permite também o acesso de parte das fontes usadas pelo historiador ao grande público sendo uma forma de produção da história pública.

Palavras-chave: AI-5, memória, acervo digital.

Abstract

The article analyzes the memories of UFPA professors, students and civil servants about 1968 and the post-AI-5 context in the city of Belém do Pará. The article works with the digital collection built up with the testimonies of 56 people who took part in the student movement at UFPA and who suffered human rights violations. The testimonies are part of the digital collection of the project “UFPA and the Years of Lead: memories, traumas, silences and educational culture (1964-1985)”, which is published in the UFPA repository. Working with memories allows historians to broaden their sources and analyze memory as a possible source to be used, linking the time of the remembered with the time of the narration. The use of digital collections also allows some of the sources used

¹ Mestra e doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Professora Titular da Universidade Federal do Pará – UFPA. E-mail: edilzafontes@yahoo.com.br

² Mestra e doutoranda em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia da Universidade Federal do Pará – UFPA. Professora Assistente de História Moderna e Contemporânea na Faculdade de História da UFPA - Campus Cametá (FACHTO). E-mail: kellytavareshist@gmail.com.



by historians to be made available to the general public, which is a way of producing public history.

Keywords: AI-5, memory, digital collection.

Pensar sobre o AI-5 hoje é rememorar o que foi 1968. Este artigo pretende analisar as memórias deste ano simbólico para estudantes, professores e alunos da UFPA. A universidade foi instalada no Campus do Guamá em 13 de agosto de 1968 e é neste ano que temos o assassinato de Edson Luís no Restaurante Calabouço. Ele era paraense. Para o movimento estudantil do Brasil e do Pará, foi um ano marcante. Analisar as memórias deste ano e seus desdobramentos em relação as vivências com o AI-5 é o eixo central deste artigo.

Para a análise destas memórias iremos utilizar as entrevistas dos estudantes, professores e servidores da UFPA, que fazem parte do acervo digital do projeto “A UFPA e os Anos de Chumbo”³ publicado no repositório da UFPA, com 56 depoimentos. Este projeto foi coordenado por mim, após terminarmos um outro projeto chamado “UFPA, uma Universidade Multicampi”⁴, onde trabalhamos com 96 depoimentos de professores, servidores e ex-alunos que viveram o processo de interiorização da UFPA. Quando fizemos as entrevistas, os depoentes falavam dos enfrentamentos com a ditadura militar. Percebemos que havia uma memória submersa sobre os anos vividos na UFPA durante os governos militares, que denunciava violações dos direitos humanos. Esta memória não estava registrada e não fazia parte da história oficial da instituição.

Em 2012 a Comissão Nacional da Verdade foi instituída pela Presidente Dilma Rousseff e a Comissão da Verdade do MEC solicita às universidades

3 O Projeto “**A UFPA e os Anos de Chumbo: memórias, traumas, silêncios e cultura educacional (1964-1985)**” pretende fazer um acervo digital com base em depoimentos de professores, técnicos administrativos e ex-alunos da Universidade Federal do Pará e é um projeto coordenado pela Professora Titular Edilza Joana Oliveira Fontes recebendo o apoio da Reitoria da UFPA no desenvolvimento do acervo de entrevistas audiovisuais com relatos de pessoas que viveram o período da Ditadura Militar tendo alguma ligação com essa universidade, que também resultou em um documentário.

4 O projeto “**Universidade Multicampi: 25 anos de ensino superior regionalizado no Pará**” trata do processo de interiorização de Ensino da Universidade Federal do Pará (UFPA) iniciado na década de 1980, na gestão do então Reitor José Seixas Lourenço (1985 – 1989). As entrevistas que compõem o projeto foram originalmente concebidas pela Professora Titular Edilza Joana Oliveira Fontes, coordenadora do projeto em parceria com o projeto Academia Amazônia da Faculdade de Comunicação da UFPA, onde foram entrevistados os docentes universitários que participaram do processo de interiorização da UFPA dando-se ênfase para os cursos de licenciatura em Letras, Matemática, História, Geografia e Pedagogia, cursos que proporcionavam acesso à educação superior aos municípios de Abaetetuba, Altamira, Castanhal, Marabá, Santarém e Soure.



documentos sobre violação dos direitos humanos ocorridas nas instituições. Se estabeleceu na UFPA o projeto “A UFPA e os Anos de Chumbo”⁵, que a partir dos documentos existentes no Arquivo Central da UFPA, achou-se a documentação da ASI (Assessoria de Segurança e Informações) da universidade.

Com a documentação da ASI foi possível elaborar uma lista para registrar os depoimentos das pessoas citadas que ainda estavam vivas. Organizar um acervo digital para disponibilizar em uma plataforma pública, ou seja, construir um acervo digital com depoimentos, com testemunhos de uma história não contada, depoimentos que seriam analisados com outros documentos, como as notícias publicadas em jornais locais e nacionais, como os oficiais dos reitores para os dirigentes do MEC e os documentos dos professores e alunos da UFPA. Outros documentos importantes são as atas dos Conselhos Superiores da UFPA, que citam as ocupações das faculdades em agosto de 1968.

Este acervo digital tem depoimentos de professores, servidores, ex-alunos que expõem uma memória em relação a construção da UFPA em tempos de ditadura militar. Vamos ter uma série de depoimentos em torno de 1964 e 1965, alguns depoimentos de 1968, ano da morte de Edson Luís, um estudante paraense que morreu na invasão do restaurante calabouço no Rio de Janeiro, ano da criação do Campus do Guamá, ano da ocupação das faculdades pelos estudantes, e depoimentos do período da Redemocratização. Por questões de espaço deste artigo, vamos analisar os depoimentos do ano de 1968 e aqueles que envolvem torturas, prisões, desaparecimentos, aplicação do 477, que foi um decreto assinado pelo Presidente Costa e Silva em 26 de fevereiro de 1969, que definia infrações disciplinares para professores, alunos, funcionários ou empregados de estabelecimento de ensino público e particular. Este decreto-lei punia aqueles considerados submerssivos ou opositores ao regime ditatorial no Brasil, ficava proibido as paralisação das atividades escolares, participar de movimentos com finalidade de interromper as atividades nas escolas e possibilitava a expulsão de estudantes e demissão de professores e funcionários, era um decreto-lei que cerceava a liberdade de expressão nas universidades e era um dos instrumentos da política de segurança nacional no pó AI-5 e debates sobre a luta armada no pós- AI-5.

⁵ Faz-se aqui a referência ao Projeto “A UFPA e os Anos de Chumbo: memórias, traumas, silêncios e cultura educacional (1964-1985)”.



Durante a luta contra a Ditadura, milhares de pessoas foram presas e torturadas. Centenas foram mortas e muitas foram desaparecidas. Muitos abandonaram escolas e universidades. Muitos foram exilados. Por isto é imprescindível conhecer mais este período de governo ditatorial no Brasil, para conhecermos os processos históricos que produziu estes governos. Temos que identificar a participação de variados segmentos sociais militares e civis para conhecermos como o Estado foi agente de repressão e de tortura que com o AI-5 que sufocaram as liberdades democráticas e violaram direitos.

Construir um acervo digital é refletir como trabalhar com a memória e debater as significações social e temporal dos segmentos que viveram o 1968 e ver as singularidades em Belém, que deram elementos para a compreensão do contexto político de 1968. As entrevistas com os alunos da UFPA que viveram o 1968 revelaram sobre a construção de uma identidade coletiva. Sabemos que a memória pode ser construída e reconstruída a partir de várias fontes. Neste artigo abordamos os relatos orais de pessoas que viveram ou testemunharam processos e rememoram modos de vida. O “dever cívico” citado por Maria Natércia Coimbra em “o dever de não esquecer como dever de preservar o legado histórico”⁶ ganha urgência por rememorar o AI-5, no momento em que vivemos as tentativas de golpe em 2022 e 2025. Analisar o AI-5 é recorrer às memórias de um período de profundas violações dos direitos humanos, que necessitam ser publicizadas. É necessário promover o contato urgente com as memórias das vítimas do AI-5, fazendo o acesso das mais variadas formas, no caso o acervo digital construído.

Para Portelli⁷, o mais importante no trabalho com fontes orais é ter que trabalhar com seres humanos. É um trabalho que estabelece relações, que levanta questões políticas e étnicas. Relações entre o historiador e as instituições, entre o historiador e os sujeitos, que nos ajudam a buscar uma história alternativa. No caso das histórias das vítimas dos governos militares da UFPA temos que entender que a universidade é construída no momento de instalação da Ditadura militar no Brasil. A UFPA teve o apoio destes governos. A UFPA faz parte do modelo de modernização conservadora do regime.

⁶ COIMBRA, Maria Natércia. “O Dever de não Esquecer como Dever de Preservar o Legado Histórico”. In: SANTOS, Boaventura de Sousa [et. al.] (Org.). **Repressão e Memória Política no Contexto Ibero-Brasileiro: Estudos sobre Brasil, Guatemala, Moçambique, Peru e Portugal**. Brasília: Ministério da Justiça, Comissão de Anistia; Portugal: Universidade de Coimbra, Centro de Estudos Sociais, 2010.

⁷ PORTELLI, Alessandro. “História Oral e Poder”. **Mnemosine**, v. 6, n. 2, p. 2-13, 2010.



Eles construíram o Campus do Guamá, ampliaram as vagas, fizeram a Reforma Universitária, instalaram a pós-graduação, mas, tem toda uma história de controle, de vigília, e tentar controlar o corpo docente e discente. Há uma memória traumática. Os depoimentos do projeto “A UFPA e os Anos de Chumbo: memórias, traumas, silêncios e cultura educacional (1964-1985)” são fontes para uma outra história. Uma história inclusiva, que estabelece uma relação entre oralidade e democracia. Como Portelli afirmou: “buscamos fontes orais porque queremos que essas vozes, que, sim, existem, porém ninguém as escutam, ou pouco as escutam, tenham acesso à esfera pública, ao discurso público e o modifique radicalmente”⁸.

Diante deste contexto, temos a história da implantação do AI-5 em 13 de dezembro de 1968. O instrumento autoritário que deu ao Estado poderes sem limites, para o governo do general Costa e Silva enfrentar seus opositores. Segundo Patto Sá Motta⁹, pós o AI-5, a ditadura tornou-se mais militar, ampliou a censura, a tortura, e deixou seus aliados civis em posição mais subalterna. A ARENA, partido do governo, ficou irrelevante para assuntos do governo. A oposição à Ditadura tentou responder com ações armadas, o que obteve uma resposta violenta do Estado. O aumento da violência do Estado teve no AI-5 um marco institucional, que incentivou e permitiu uma política de Estado, com torturas, prisões e desaparecimentos, que foram ações feitas com as estruturas do Estado, com a complacência dos governos militares.

O AI-5 permitiu que as mudanças estruturais importantes para o projeto de modernizações conservadoras fossem implementadas. O AI-5 contou com pouco apoio da classe média e da mídia. O fator detonador do AI-5 foi a derrota do pedido do governo Costa e Silva, feito à Câmara dos Deputados, para punição do parlamentar deputado do MDB, Márcio Moreira Alves. O deputado pediu em discurso feito na plenária da Câmara, em uma sessão do Congresso que se chamava “pinga-fogo”, porque o deputado só tinha cinco minutos de fala, que as moças brasileiras se recusassem a dançar com os cadetes e os militares na festa de 7 de setembro. Para o deputado seria uma reação da sociedade contra os atos

⁸ PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

⁹ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. “Sobre as origens e motivações do Ato Institucional 5”. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 38, n. 79, p.195-216, 2018.



repressivos dos governos militares. Chamou também o exército de “valhacouto de torturadores”.

No início de 1967, ao assumir o governo, o general Costa e Silva assumiu o governo com a promessa de continuar a “obra” da revolução. Para ele era necessário fazer ajustes. Patto Sá Motta ¹⁰ enunciou que, o general Costa e Silva foi ministro de guerra de Castelo Branco e foi a liderança dos setores militares radicais, que desejavam aprofundar a “revolução”. A princípio ele assumiu a presidência do Brasil para tentar legitimar e estabilizar a ditadura, tendo como marco a entrada em vigor da Constituinte de 1967. O general Costa e Silva já tinha muitos instrumentos repressivos ao seu dispor, como a Lei de Segurança Nacional e a Lei da Imprensa. Tinha também o SNI (Sistema Nacional de Segurança) e o CIE (Centro de Informação do Exército), para garantir a ordem. Porém já não podia cassar mandatos parlamentares, porque a Constituição vetava. Entre 1967 e 1968 vários exilados voltaram ao Brasil. A intensidade da resistência se fez presente, entre 1967 e 1968. Os estudantes marcaram presença com passeatas e ocupações, junto com as ações parlamentares, as greves operárias e o início da luta armada, promovida por uma esquerda radical. O ano de 1968, o ano do poder juvenil, que produz, o maio francês. No Brasil o tema era “Abaixo a Ditadura” e os acordos Mec-Usaid. 1968, o ano mágico, tempo de uma geração marcada pelo desejo de mudar o mundo com sonhos de revoluções e lutas libertárias. Era necessário mudar as sociedades, os costumes, os governos e tirar do poder os ditadores, era necessário conquistar a liberdade e permitir o proibido. Em Belém, o ano inicia com os calouros da UFPA comemorando a aprovação no vestibular em forma de protestos. Naquele período, os estudantes universitários representavam apenas meio por cento da população nacional, na sua maioria vindos da classe média. As reivindicações clamavam por mais vagas nas universidades e também mobilizar os estudantes excedentes, que eram estudantes que passavam nos vestibulares, mas não eram matriculados por falta de vagas disponíveis nas universidades.

Entre as reivindicações dos estudantes no Rio de Janeiro estavam as reformas no Restaurante Calabouço, o local era administrado pelo governo estadual e ofereceria refeições a baixo custo. Depois de passar pelas reformas, o restaurante foi entregue ainda em condições precárias o que levou a novos

¹⁰ **Ibidem**, p. 198.



protestos e no dia 28 de março de 1968, quando os estudantes estavam reunidos e se preparavam para um ato público, a polícia militar do Rio de Janeiro invadiu o local. Durante a invasão, o estudante paraense Edson Luís de Lima Souto Ferreira foi atingido e morreu no local e até hoje ninguém sabe quem foi o autor do disparo.

Elson Monteiro nascido em Belém do Pará, graduado em História em 1976 pela Universidade Federal do Pará, relembrou que Edson Luís era “filho de uma empregada doméstica que trabalhava em uma casa na Arcipreste, uma casa de classe média e próximo da praça da Trindade e eu morei por ali” ¹¹. Edson Luís morava com a mãe dele, participava das brincadeiras com os amigos. Quando chegou a notícia do Rio de Janeiro, daquele estudante morto numa manifestação em frente ao Restaurante Calabouço, foi na surpresa que “nós vimos as fotografias na revista, o estudante era o Edson Luís” ¹².

A partir daquele momento, a morte de Edson Luís tornou-se o símbolo das lutas estudantis em 1968. O corpo do estudante paraense foi levado para a Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, onde foi velado. No dia, à Praça da Candelária foi o palco de novas manifestações, que se espalharam por todo o país. Com tamanha mobilização o governo recua, retira os policiais das ruas e o enterro do estudante acontece após uma passeata com mais de 50 mil pessoas.

Os estudantes paraenses fizeram uma grande mobilização para realizar a missa de sétimo dia de Edson Luís, contrataram carro som e durante dois dias fizeram mobilizações nas portas de escolas e faculdades, e convocaram a sociedade civil para participar da celebração. As autoridades tentaram desmobilizar a missa organizada pelos estudantes, no entanto a causa ganha apoio de uma parcela da igreja católica, de parlamentares do MDB e da sociedade civil. A respeito disso, temos os relatos de memória de Aluizio Lins Leal, nascido em Belém do Pará, graduado em Economia pela Universidade Federal do Pará, em 1972. Foi professor da cadeira de Economia nesta instituição entre 1985 até a atualidade. Participou dos protestos e passeatas em reação à morte de Edson Luís, cuja memória do acontecimento foi relatada da seguinte forma:

¹¹ UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Faculdade de História. FONTES, Edilza Joana Oliveira. **A UFPA e os Anos de Chumbo: memórias, traumas, silêncios e cultura educacional (1964-1985)** - Entrevista com Elson Luiz Rocha. Monteiro. Belém: UFPA, 2014. 1 vídeo. (58min. e 35 seg.). Disponível em: <http://www.multimidia.ufpa.br/jspui/handle/321654/1272>. Acesso em: 28 dez. 2024.

¹² **Ibidem.**



Nós começamos com o primeiro grande evento, era uma missa pelo Edson Luís que tinha sido assassinado, houve um pedido aos padres, pra ver quem podia rezar missa, os padres não queriam, vários padres se recusaram”. Uma comissão de estudantes foi ao arcebispado, conversar, dizer que queríamos fazer uma missa. Houve a recusa em ceder uma igreja: “tal igreja não pode porque tá em reforma, a em uma outra igreja é essa aí não pode porque qualquer coisa o padre tá de licença. Afinal ele disse olha vocês estão pedindo uma atividade política e uma atividade política não vamos concordar com ela”. Conseguir por milagre que o um padre que era pároco da igreja de Santana resolvesse rezar essa missa. Foi uma missa campal¹³.

Em Belém, os estudantes vão à Assembleia Legislativa e exigem um posicionamento por parte dos deputados. O governo federal não avançava nas negociações com a classe estudantil. Em junho, os estudantes foram para as ruas realizar novos protestos, que aconteceram em várias capitais brasileiras. Em São Paulo eles ocupam a USP.

O depoimento de José Miguel Martins Veloso, paraense, professor da UFPA e participante do movimento estudantil nos diz muito sobre o contexto de 1968. Ele foi para São Paulo fazer o vestibular da USP para o curso de Matemática e participou da ocupação da USP.

Foi no ano de 1968 que eu entrei na universidade. Então, foi um ano de muita comoção. Estava se discutindo a reforma universitária, se fez um movimento em assembleias muito grande sobre isso. Começou com o problema dos excedentes, porque você tinha média para entrar na universidade. Você tinha que tirar uma média 5, pelo menos, senão você não conseguia acesso aos cursos. Então tinha muitos alunos que passavam no exame, mas não tinha vaga. Isso se chamava os excedentes. O movimento já começou pelo Movimento dos Excedentes, que era pedindo mais vagas nas universidades públicas, que é o mesmo movimento que acontece na Europa. E esse movimento vai extravasar depois no movimento pela reforma universitária, que é a época do documento da reforma do MEC-USAID, e de criar um departamento no Brasil, acabar com as faculdades. Isso começa a se discutir na USP, e se faz uma greve muito grande de estudantes na USP. Eu acho que ela começa em maio e vai até setembro do ano. Fica praticamente o ano inteiro sem aulas. Foi o ano de 1968, começam os atos revolucionários, a passeata dos

¹³ UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Faculdade de História. FONTES, Edilza Joana Oliveira. **A UFPA e os Anos de Chumbo: memórias, traumas, silêncios e cultura educacional (1964-1985)** - Entrevista com Aluizio Lins Leal. Belém: UFPA, 2014. 1 vídeo. (1h 02 min. e 50 seg.). Disponível em: <http://www.multimidia.ufpa.br/jspui/handle/321654/1264>. Acesso em: 28 dez. 2024.



100 mil, a guerra entre a Maria Antônia. Onde ficava a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras era na mesma rua onde ficava o Instituto Mackenzie, onde ficava o grupo do CCC, o Comando de Caça aos Comunistas. Então, teve um dia lá que aquilo virou...¹⁴

José Miguel Martins Veloso nascido em Belém, filho de pai imigrante português e sua mãe era filha de imigrantes espanhóis. Passou a infância e parte da adolescência em Abaetetuba até os anos de 1960 quando mudou-se para Belém e nessa cidade descobriu gosto pelos estudos da Matemática no Colégio Nazaré. Em depoimento concedido para o Projeto “A UFPA e os Anos de Chumbo: memórias, traumas, silêncios e cultura educacional (1964-1985)”, José Miguel relatou que em fins de 1967 mudou-se para São Paulo para prestar o vestibular para o nível superior na Universidade de São Paulo. Em 1968, ele ingressou na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. Ele começou a participar de assembleia onde se destacou como uma das lideranças do pavilhão G. Miguel morava no CRUSP (moradia estudantil). Nessas organizações, a dissidência do PCB ¹⁵ estava presente majoritariamente, junto com integrantes do MR-8 ¹⁶, que eram os dois grupos principais do movimento estudantil, atuando em São Paulo.

José Miguel narrou em entrevista que ele acabara de entrar na USP quando foi indicado pelo DCE ¹⁷ oficial para ser membro do Conselho Universitário. Ele

¹⁴ UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Faculdade de História. FONTES, Edilza Joana Oliveira. **A UFPA e os Anos de Chumbo: memórias, traumas, silêncios e cultura educacional (1964-1985)** - Entrevista com José Miguel Martins Veloso. Belém: UFPA, 2014. 1 vídeo. (1h 13 min. e 19 seg.). Disponível em: <http://www.multimidia.ufpa.br/jspui/handle/321654/1288>. Acesso em: 28 dez. 2024.

¹⁵ De acordo com Dainis Karepov, o Partido Comunista do Brasil (PCB) foi fundado em março de 1922 como nome de Partido Comunista do Brasil. Em agosto de 1961 modifica o seu nome para Partido Comunista Brasileiro, sempre com a sigla PCB. Em fevereiro de 1962, um grupo de militantes retomou o antigo nome e usou a sigla PCdoB para diferenciar-se do PCB. Cf. KAREPOV, Dainis. **Luta subterrânea: o PCB em 1937-1938**. São Paulo: Hucitec, Unesp, 2003, p. 23.

¹⁶ O MR-8 foi um movimento de orientação marxista pioneiro na luta contra a Ditadura militar. Vivenciou em sua pequena trajetória todos os embates que posteriormente ocorreriam nas demais Organizações Armadas que foram formadas posteriormente. De acordo com Thomaz Joezer Herler, uma das principais discussões que ocorreram diz respeito às táticas para a organização de um Exército Popular Revolucionário necessário para a derrubada do regime então vigente no Brasil, o qual seria a condição necessária para a construção do socialismo. Cf. HERLER, Thomaz Joezer. **Formação e Trajetória do Primeiro MR-8: possibilidades e limites de construção de uma vanguarda revolucionária político-militar (1964-1969)**. Tese (Doutorado em História, Poder e Práticas Sociais), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2015, p.29.

¹⁷ De acordo com as memórias de Marcy Picanço, na época estudante de jornalismo, a reforma ocorrida na USP em 1968 dissolveu a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências (FFLC). Ainda em 1968, por causa do AI-5, as lideranças do Diretório Central dos Estudantes (DCE) da Universidade de São Paulo foram dizimadas, então houve um refluxo, isto é, “nos dois anos que vivi, como aluno, no campus, toda a energia era canalizada para a reorganização. Cf. CHRISPINIANO, José;



relembrou que a universidade estava num ambiente bastante conflituoso, pois, tentava-se implantar um belo projeto bastante conflituoso de reforma, pois os estudantes queriam implantar uma reforma universitária criando-se departamentos e ao mesmo tempo dando liberdade curricular para o estudante e não aceitavam a proposta do governo do presidente Costa e Silva que pretendiam fechar um acordo conhecido com MEC/USAID. O movimento estudantil estava no seu auge, embora também fosse um ano de desorganização, a passeata dos 100 mil foi uma grande mobilização de protesto contra a ditadura, ocorrida no dia 26 de junho de 1968 no Rio de Janeiro, organizada pela UNI contra a ditadura militar que governava o país desde 1964. foi marcada por uma forte repressão policial com muitas prisões e muitos manifestantes feridos, a passeata dos 100 mil foi uma manifestação contou com a presença de intelectuais, artistas, operários e setores da classe média que demonstraram seu descontentamento com a ditadura militar.

Nas memórias de José Miguel sobre este contexto, ele considerou um erro político grande quando as organizações revolucionárias e clandestinas da época tiraram os seus militantes do movimento estudantil e começaram as ações da luta armada, contribuindo para o esvaziamento do movimento estudantil.

José Miguel mencionou que nesse contexto, a UNE¹⁸ já existia e já tinha um presidente. Em 1968 iria se eleger uma nova diretoria para UNI. A União Nacional dos Estudante (UNI) foi colocada na ilegalidade durante a ditadura militar no Brasil. Ela foi considerada ilegal logo após o golpe civil-militar. Teve sua sede invadida e destruída. Durante este período a UNI continuou a existir de forma clandestina. Em 1968 O movimento estudantil queria eleger uma nova diretoria para a UNI. José Miguel menciona em sua entrevista que havia um grupo que queria fazer o Congresso na PUC, outro na USP, mas, venceu o grupo “foquista”, que correspondia ao grupo político da Ação Popular (AP), e tinha como proposta organizar um congresso clandestino de estudantes. Segundo José Miguel narrou, a Ação Popular (AP) ganhou por maioria de votos propondo-se a organizar o congresso na cidade de Ibiúna, próximo a capital Paulista.

PICANÇO, Marcy. “Na criação do DCE livre, uma derrota da Ditadura”. **Revista Adusp**, outubro de 2004, p.69-73.

¹⁸ União Nacional dos Estudantes (UNE).



José Miguel narrou que no Congresso de Ibiúna, integrou o grupo CRUSP¹⁹ que tinha se engajado como voluntários, onde atuaram como cozinheiros, ajudantes, seguranças, em suma, o grupo que realmente ajudou a organizar o Congresso. E dessa forma, segundo ele, o possibilitou a circular muito e angariar influência, assim como outros personagens²⁰, que era uma das pessoas influentes no congresso, que ao todo somava por volta de 700 a 800 pessoas, de acordo com o que ele estima ser o número oficial.

Nas memórias de José Miguel, o cotidiano da militância revolucionária durante o congresso foi marcante no terceiro dia, pois, “de manhã bem cedo, [eu] estava sentado já esperando o início dos trabalhos. Perdemos dois dias discutindo credenciados. A luta política era tão intensa, que era disputa do poder”²¹.

Os ritmos dos trabalhos do congresso foram interrompidos pela invasão das forças repressivas da ditadura militar, ações que marcaram profundamente as memórias de José Miguel a respeito do Congresso de Ibiúna, onde ele relembra que “[eu] estava sentado nesse auditório aí, nessa colina onde tinha os degraus, alguém veio correndo e disse:”

“- Olha, a polícia está aí.” O pessoal se levanta para tentar correr, aí a Força Pública chega e metralha. Você só vê a lama pulando onde as balas batem no chão. Todo mundo para, aí eles juntam as pessoas num círculo lá, e depois de algumas horas a gente... O comandante da operação, não lembro quem era, tem o megafone e diz: “-Olha, prendemos o Fulano, prendemos o Dirceu, prendemos o Jean Marc”. Aí, cita as pessoas que vão sendo presas. Faz uma fila bem grande de pessoas, e a gente vai caminhando de lá até... Porque os ônibus não podiam chegar até esse local. Tinha tanta lama na estrada, que eles tiveram que vir caminhando a pé. E os seguranças na entrada estavam dormindo. O pessoal estava tão cansado, que estava dormindo. Ele acorda quando o soldado agarra o segurança que está lá para dar o aviso de qualquer coisa. Então, ele não consegue avisar ninguém, e todo mundo é pego de surpresa.”²²

¹⁹ UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Faculdade de História. FONTES, Edilza Joana Oliveira. **A UFPA e os Anos de Chumbo: memórias, traumas, silêncios e cultura educacional (1964-1985)** - Entrevista com José Miguel Martins Veloso. Belém: UFPA, 2014. 1 vídeo. (1h 13 min. e 19 seg.). Disponível em: <http://www.multimidia.ufpa.br/jspui/handle/321654/1288>. Acesso em: 28 dez. 2024.

²⁰ No qual ele citou entre os paraenses, o companheiro de militância Bernardino.

²¹ A sigla Conjunto Residencial da USP (CRUSP) refere-se ao território da moradia estudantil da USP.

²² UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Faculdade de História. FONTES, Edilza Joana Oliveira. **A UFPA e os Anos de Chumbo: memórias, traumas, silêncios e cultura educacional (1964-1985)** - Entrevista com José Miguel Martins Veloso. Belém: UFPA, 2014. 1 vídeo. (1h 13 min. e 19 seg.). Disponível em: <http://www.multimidia.ufpa.br/jspui/handle/321654/1288>. Acesso em: 28 dez. 2024.



As memórias de José Miguel avançam para o momento da sua perseguição pelos governos militares, ocorrida em consequência das tentativas dele de reativar o movimento estudantil, onde, segundo ele narrou, as coisas estavam caminhando bem, até o apartamento, onde ele e seu grupo de estudantes moravam, ser invadido pela polícia. José Miguel narrou que mantinha contato com alguns membros do grupo da ALN (Ação Libertadora Nacional), que moravam neste apartamento, os quais quando foram presos, “ele deu os nossos nomes, endereço” ²³. Todavia, o endereço não estava de todo correto, pois, um argentino era quem morava neste apartamento. José Miguel disse que o mesmo argentino chegou uma noite, lhe acordaram, pois, ele estava dormindo, “me sentaram na mesa, fizeram eu tomar um café e disseram: ‘- Olha hoje a polícia foi atrás de ti na universidade’” ²⁴.

José Miguel destacou que não pertencia à ALN, apenas havia feito algumas ações para este grupo revolucionário, como ações ligadas à universidade como um grupo de apoio que estava tentando reerguer o movimento estudantil. E dessa forma, segundo ele, “fomos envolvidos nessa teia” ²⁵, uma vez que a repressão estava “pegando todo mundo. Quando eles pegaram esse rapaz, era aluno acho, de Sociologia” ²⁶. Perseguido pela polícia, José Miguel narrou como escapou da prisão fugindo cedo e indo para vários locais. Primeiro, uns apartamentos para onde fugiram também pessoas procuradas, depois para o apartamento da namorada de um amigo em Osasco, e finalmente, ele fugiu para o apartamento da namorada de outro amigo em Guarapiranga. José Miguel permaneceu nesta cidade até 1970, quando ao recomençar os trabalhos do movimento estudantil, ele novamente passou a ser procurado pela polícia, mas dessa vez, decidiu sair de São Paulo e veio para Belém “tentar tirar um visto para sair do país” ²⁷, uma vez que ele já tinha um passaporte.

Dessa forma, José Miguel caiu na clandestinidade conseguindo dinheiro com pessoas de São Paulo, pessoas de Belém, ele disse que fez “um caminho meio maluco para sair do país. Saindo pelo Pantanal atravessando para a Bolívia,

²³ **Ibidem.**

²⁴ **Ibidem.**

²⁵ **Ibidem.**

²⁶ **Ibidem.**

²⁷ **Ibidem.**



tentando ir para o Chile. Fico preso na fronteira do Chile, voou para o Peru e entro no Chile”²⁸.

No Chile, José Miguel chegou em 1972 onde manteve contatos como Paulo Sandroni²⁹, e este foi quem o acolheu em seu endereço. Além de Sandroni, José Miguel narrou que conhecia algumas pessoas, um número relativamente grande de brasileiros radicados lá. No Chile, foi trabalhar e estudar na Universidade Chilena até mais ou menos julho de 1975, vivenciando, dessa forma, o final do governo de Eduardo Frei, a subida do governo de Salvador Allende, a queda do governo Allende, e o início da ditadura de Augusto Pinochet Ugarte.

Outro episódio de 1968, muito importante foi a sexta-feira sangrenta. No Rio de Janeiro, 16 mil alunos da UFRJ entraram em greve. Em 20 de junho, os estudantes promovem uma assembleia na UFRJ, que dura cerca de oito horas. Na rua, a polícia cerca a universidade. Acontece em novos confrontos, os estudantes são perseguidos até o Estádio do Botafogo. Lá eles são identificados e espancados, o que gerou uma grande revolta na população. Apesar da censura aos meios de comunicação, os jornais registram e noticiam estes fatos. No dia seguinte, novos confrontos e aquele dia ficou conhecido como a sexta feira sangrenta.

Luiz Roberto Tenório era um estudante de medicina na época da ditadura militar. Era o líder do movimento estudantil na UERJ³⁰ e ligado ao grupo revolucionário “Dissidência”, ao qual também pertencia seu amigo Vladimir Palmeira. Nas entrevistas concedidas ao Documentário “1968: Cinquenta anos depois”³¹, Luiz Roberto Tenório mencionou questões centrais das suas memórias sobre esse episódio.

Sexta feira sangrenta foi a sexta feira que o pau roncou na cidade, Vladimir Palmeira foi preso e resolvemos fazer uma passeata que ela engrossou com os populares, de pessoas que trabalhavam ali na cidade. Entraram na passeata e de repente virou uma passeata monstro e a polícia perdeu um pouco o controle, e resolveu

²⁸ **Ibidem.**

²⁹ Paulo Sandroni é um economista brasileiro formado em 1964 pela Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo. Durante sua graduação, foi presidente do Centro Acadêmico Visconde de Cairu. E entre 1965 e 1969 foi professor da Faculdade de Economia da PUC-São Paulo. No início dos anos de 1970 trabalhou na Universidade do Chile, e na Universidade de Los Andes, em Bogotá – Colômbia.

³⁰ Antes chamada Universidade do Estado da Guanabara.

³¹ Documentário desenvolvido pela Professora Titular da UFPA, Edilza Joana Oliveira Fontes, em 2018.



repelir violentamente e do alto dos prédios as pessoas começaram a jogar na polícia uma série de coisas, uma de máquina de escrever, uma cadeira, etc. Até que um dos policiais que sofreu traumatismo craniano e morreu, na hora assim, aí foi o auge assim da polícia, uma desculpa pra polícia completamente horrorizada partir pro pau, e nós partirmos pro pau também, e aí carnificina.³²

Apesar da atuação do coletivo na luta armada, o papel de Luiz Roberto Tenório era cuidar dos companheiros feridos. Ele estava presente em momentos dramáticos como o assassinato do estudante Edson Luís, inclusive. Foi Tenório quem ajudou a carregar o caixão do jovem secundarista no cortejo fúnebre que levou o corpo de Edson Luís da Cinelândia até o Cemitério João Batista³³. Em 1971, Luiz Roberto Tenório foi preso pela Polícia do Exército e passou dois meses no DOI-CODI, o pior centro de tortura do Rio de Janeiro³⁴.

Hecilda Mary Ferreira Veiga nasceu em Belém do Pará, estudou o ginásio no IEP, ao mesmo tempo que realizou curso para professora primária concluindo ambos em 1967, quando preparou-se para o vestibular. Em 1967 ela começou a atuar na Casa do Professor localizado na Avenida Almirante Barroso transversal à Travessa Mauriti. Hecilda Veiga narrou que se tornou estudante de Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará em 1968 e quando ela e seu grupo de amigos estudantes chegaram na universidade, um pouco antes de maio, no início do primeiro semestre teve o episódio do assassinato de Edson Luís de Lima Souto a 28 de março de 1968, no Rio de Janeiro. Simultaneamente, ocorriam assembleias, debates. Segundo Hecilda, a ocupação da faculdade de Filosofia veio depois dessas ações políticas, a exemplo de uma passeata rememorada por ela ocorrida no Rio de Janeiro, que mobilizou todos os estudantes universitários do país, não só os universitários como também os estudantes secundaristas, cujos personagens ela pôde citar, Mauro Brasil, a Zélia Amador de Deus, Cristóvão, Bira Barbosa. Segundo Hecilda, este era o pessoal que eles chamavam, os mesmos que

³² **1968: CINQUENTA ANOS DEPOIS.** Documentário por Edilza Joana Oliveira Fontes – Entrevista com Luiz Roberto Tenório. 2018. 1 vídeo (21 min. e 23 seg.) Disponível em: https://www.memorialcesarleite.com.br/extras/documentarios/50_anos_depos. Acesso em: 30 dez. 2024.

³³ ICL NOTÍCIAS. BRISO, Caio Barretto. **Vítimas da tortura relembram violência covarde sofrida na ditadura militar** - Entrevista com Luiz Roberto Tenório. [s. l], [s. d]. Disponível em: <https://iclnoticias.com.br/vitimas-tortura-relembra-da-ditadura-militar>. Acesso em: 30 dez. 2024.

³⁴ **Ibidem.**



depois criaram mecanismos novos, instituições novas, associações novas que pudessem representar os estudantes, haja vista que a Uesp tinha sido interdita, assim como a UAP (União Acadêmica Paraense).

E esse acontecimento de 26 de junho de 1968 foi extraordinário. A passeata dos 100 mil no Rio de Janeiro. Então, aquele momento parecia que nós, estudantes, como também tentavam fazer os estudantes franceses, sobre a liderança de Dânio Vermelho, que a gente poderia mudar o mundo. Assim, aquela coisa, as barricadas dos sonhos, essa coisa toda aqui. Aí tivemos essa coisa da ocupação da faculdade. A ocupação que ensejou muitas manifestações, digamos, culturais. E eu me lembro particularmente de uma peça, que era uma peça do CPC, Centro Popular de Cultura da UNE, “O Auto dos 99%”. Uma peça que mostrava, que naquela altura dos acontecimentos, havia a luta dos excedentes, apenas 1% dos estudantes brasileiros poderiam chegar à universidade, 99% ficavam excluídos. E uma colega, que também mexia com teatro, a Conceição Sarub, fazia Ciências Sociais, ela organizou a montagem da peça. E eu acabei sem tendo nenhum talento artístico, fazendo o papel da professora de Sociologia. Botava uma peruca, aquela coisa. Reunião da congregação, as antigas congregações e dizendo lá, era minha fala. Minha fala era em uma reunião da congregação da faculdade, dizendo que classe social é o estado de espírito. Até hoje me... E isso a gente encenou e fizemos um sucesso tremendo...³⁵

Hecilda Veiga, estudante paraense relatou que esse acontecimento de 26 de junho de 1968 foi extraordinário, a passeata do Rio de Janeiro. Segundo ela narrou, “aquele momento então, parecia que nós estudantes é, como também tentavam fazer os estudantes franceses nesta liderança do maio vermelho, é entende que poderia mudar o mundo assim aquela coisa, as barricadas, o sonho, essa coisa toda”³⁶.

Hecilda reiterou em entrevistas ao Projeto “A UFPA e os Anos de Chumbo: memórias, traumas, silêncios e cultura educacional (1964-1985)” que montagens artísticas eram grandes coisas nessa época, era algo que movia a todos, “essa coisa

³⁵ UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Faculdade de História. FONTES, Edilza Joana Oliveira. **A UFPA e os Anos de Chumbo: memórias, traumas, silêncios e cultura educacional (1964-1985)** – Entrevista com Hecilda Mary Veiga. Belém: UFPA, 2014, 1 vídeo (1h 24min e 02 seg.). Disponível em: <http://multimidia.ufpa.br/jspui/handle/321654/1276>. Acesso em: 30 dez. 2024.

³⁶ *Ibidem*.



do Che Guevara. A Guerrilha, a experiência da Guerrilha na Bolívia”³⁷. E em meio a tudo isso, ocorreu que no segundo semestre de 1968, junto com dois colegas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, o companheiro de luta, Zé Maria, que fazia o curso de Física, a companheira de luta, a Iracema, que também fazia Ciências Sociais, estando um ano à sua frente, e o companheiro Humberto Cunha, todos eles resolveram botar o pé na estrada e tentaram chegar até Cochabamba, Camiri, onde Che Guevara tinha sido assassinado.

A partir da Bolívia, o grupo de estudantes chegaram até Porto Velho, todavia, Hecilda rememorou que teve dificuldades de seguir viagem, só alcançando até Guayaramerín junto com o companheiro de militância Zé Maria, disse que: “depois tive que voltar. Voltei com a Iracema para Belém, retomei o curso”³⁸. Disse ela prosseguindo em depoimento: “E aí, tivemos aquele dia terrível, uma sexta-feira, 13 de dezembro de 1968. A decretação do Ato Institucional número cinco, e aí a coisa se tornou realmente muito difícil”³⁹.

Decretado o AI-5, Hecilda e seu grupo de estudantes universitários começaram a se aproximar do grupo revolucionário Ação Popular (AP), em virtude de ela ter angariado informações e conhecimentos suficientes para perceber as várias forças políticas que estavam presentes no movimento, e na expectativa do recrutamento daqueles militantes mais ativos. Ela deu-se conta da questão da ALN (Ação Libertadora Nacional), do Partidão⁴⁰, onde ela mantinha contatos com uma colega do curso de Ciências Sociais, além dos estudantes que cursavam Ciências Sociais na sua turma, a exemplo de Lúcio Flávio Pinto, o Zé Carneiro, que de acordo com ela “se aposentou na Faculdade de Filosofia”⁴¹.

Hecilda Mary Veiga destacou em entrevista que foi transferida para a Universidade de Brasília (UnB) junto com o seu marido, o estudante de Direito Paulo Fonteles, que os dois juntos estiveram entre os jovens que vivenciaram o cenário político do ano de 1968.

Em agosto de 1968, Belém torna-se a capital federal enquanto o presidente Costa e Silva e os ministros visitam a cidade. No discurso oficial, o governo objetivou implantar e desenvolver ações que promoveriam o

³⁷ **Ibidem.**

³⁸ **Ibidem.**

³⁹ **Ibidem.**

⁴⁰ “Partidão” era a alcunha pela qual era chamado o Partido Comunista do Brasil pelos militantes.

⁴¹ **Ibidem.**



desenvolvimento da Amazônia, segundo a propaganda oficial. Belém veio às ruas para saudar o presidente cujo governo estava de olhos voltados para integração definitiva da Amazônia no complexo econômico e social do Brasil. Com a finalidade de enfrentar objetivamente os problemas essenciais da Amazônia, instalou-se o governo da república no palácio Lauro Sodré sob a presidência do Marechal Costa e Silva, ministros de estado, o governador Alacide Nunes, técnicos e autoridades locais.

Roberto Ribeiro Corrêa, nascido em Belém, estudante de Economia da Universidade Federal do Pará desde 1967, militante político do PCB e simpatizantes da ALN em 1968. Roberto concedeu depoimentos sobre a greve que terminou na ocupação da Universidade Federal do Pará, especificamente, deflagrados nas faculdades de Economia, Química e Filosofia ⁴². Seus testemunhos sobre esses acontecimentos foram concedidos nas entrevistas da seguinte forma:

E nós ocupamos a universidade, a partir do morro parte de um movimento que começou na faculdade de química, aí estoura lá e aqui, nós vamos fazer a mesma coisa. ⁴³

Ruy Antonio Barata nascido em Óbidos, era o terceiro filho de Ruy Guilherme Paranatinga Barata, preso em 1964 por sua vinculação ao Partido Comunista Brasileiro, quatro dias depois do golpe militar permanecendo 60 dias preso na Polícia Militar. Ruy Antonio Barata ingressou em 1963 na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Pará, e em 1968 foi escolhido delegado para a organização de greve de ocupação nessa faculdade somando às suas estratégias com as da atuação da União Estadual dos Estudantes ⁴⁴.

⁴² UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Faculdade de História. FONTES, Edilza Joana Oliveira. **A UFPA e os Anos de Chumbo: memórias, traumas, silêncios e cultura educacional (1964-1985)** – Entrevista com Roberto Ribeiro Corrêa. Belém: UFPA, 2014, 1 vídeo (1h 34 min. e 44 seg.). Disponível em: <http://www.multimidia.ufpa.br/jspui/handle/321654/1282>. Acesso em: 31 dez. 2024.

⁴³ **Ibidem.**

⁴⁴ UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Faculdade de História. FONTES, Edilza Joana Oliveira. **A UFPA e os Anos de Chumbo: memórias, traumas, silêncios e cultura educacional (1964-1985)** – Entrevista com Ruy Antonio Barata. Belém, UFPA, 2014, 1 vídeo (1h 14 min. e 46 seg.). Disponível em: <http://www.multimidia.ufpa.br/jspui/handle/321654/1285>. Acesso em: 31 dez. 2024.



No dia 2 de agosto de 1968 nós ocupamos a faculdade, ficamos lá um mês, um mês com todo um povo lá dentro, não eram quatro gatos pingados era a massa ocupando, a grande massa ocupando a faculdade. ⁴⁵

Waldir Paiva Mesquita iniciou na política aos 16 anos de idade quando ingressou no Partido Comunista Brasileiro com a tarefa de atuar efetivamente nos grêmios estudantis, tornando-se um estudante envolvido com o movimento secundarista e, depois, universitário na Faculdade de Medicina da UFPA, onde ingressou em 1966, formando-se em 1972 ⁴⁶. Seu depoimento sobre a ocupação foi concedido dessa forma.

A ocupação ela não foi uma proposta do PCB, ela foi uma consequência das reivindicações menores [...], acabou desencadeando isso como a única forma de nós obtemos aquilo que nós queríamos, então nós vivemos nesse período o movimento estudantil com muita... que era aguerrido com muita garra” ⁴⁷.

Maria de Nazaré Sarges graduada em História no ano de 1968, concedeu o seu depoimento sobre o cenário da ocupação da Universidade Federal do Pará, vivenciada nas faculdades de Filosofia, seguida pela faculdade de Medicina e na faculdade de Odontologia no referido ano ⁴⁸.

Nós queríamos para quem podia ficar a noite porque, ia pra fazer o pedágio né, nós fazíamos...assim, é muito tenso né porque sempre estava a passar o carro de polícia, então quando a gente ouve a sirene né a gente corria pra se esconder atrás das mangueiras né, porque a gente tinha um pavor, até porque nossos pais não sabiam o que está metido nessa confusão ⁴⁹.

⁴⁵ **Ibidem.**

⁴⁶ UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Faculdade de História. FONTES, Edilza Joana Oliveira. **A UFPA e os Anos de Chumbo: memórias, traumas, silêncios e cultura educacional (1964-1985)** – Entrevista com Waldir Paiva Mesquita. Belém: UFPA, 2014, 1 vídeo (1h 21 min.). Disponível em: <http://www.multimidia.ufpa.br/jspui/handle/321654/1289>. Acesso em 31 dez. 2024.

⁴⁷ **Ibidem.**

⁴⁸ UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Reitoria. FONTES, Edilza Joana Oliveira. **Universidade Multicampi – 25 anos de ensino superior regionalizado no Pará: entrevista com Maria de Nazaré dos Santos Sarges**. Belém: UFPA, 2012. 1 vídeo (1h 08min. e 29 seg.). Disponível em: <http://www.multimidia.ufpa.br/jspui/handle/321654/1066>. Acesso em: 31 dez. 2024.

⁴⁹ **Ibidem.**



No filme produzido pelo governo federal é indiciado que: “O Marechal Costa e Silva se encontra em Belém, onde inaugurou instalações da Universidade do Pará, grande instituição de cultura com capacidade para 15 mil alunos e que estimulará decisivamente o desenvolvimento tecnológico da Amazônia. Ali, recebeu do chefe de estado, o título de doutor honoris causa”⁵⁰. Em discurso de agradecimento abordou os problemas educacionais da Amazônia onde provisoriamente instalou o governo da República.

Mas a visita era também para tentar mostrar um governo da união que mantinha um diálogo com a sociedade, com os estudantes e estava entregando universidade para a população, e “no belo Teatro da Paz em Belém, tem lugar a solene cerimônia de encerramento da permanência do governo federal na Amazônia, presidida pelo Marechal Costa e Silva, presentes todos os ministros de estados, o governador Alacide Nunes e altas personalidades”⁵¹. Falou o governador do Pará ressaltando o governo da união e ao término da temporada pela Assembleia, o Presidente da República pronuncia uma importante oração em que definiu a política do seu governo voltado à Amazônia, “o desenvolvimento de suas riquezas adormecidas, ao completo domínio regional e a sua integração definitiva com todo o Brasil”⁵².

O Campus do Guamá da UFPA foi inaugurado em 13 de agosto de 1968. As faculdades foram ocupadas e os estudantes fizeram uma greve de ocupação, exigindo a não implementação da reforma universitária e a melhoria das condições estruturais da UFPA. A negociação com o Ministério da Educação (MEC) foi feita, inclusive de forma televisionada, mas, não foi adiante. Em setembro, os estudantes já ocupavam a avenida no 07 de setembro.

No dia 5 de setembro nós fizemos uma passeata né, entramos no meio de dois colégios, no reunimos todos como se fôssemos um pessoal que estava assistindo o desfile, né entramos no meio de dois colégios e enchemos a 15 de agosto, a Presidente Vargas né, enchemos a 15 de agosto e já saímos com gritos de abaixo a ditadura, abaixo a ditadura, abaixo a ditadura. Passamos em frente ao palanque e de punho fechado gritando abaixo a

⁵⁰ CINE JORNAL INFORMATIVO Nº 180. Recorte de vídeo produzido pela Casa Civil da Presidência da República e disponibilizado pelo Arquivo Nacional. [S. l.] [S. d.], 1968, 1 vídeo (08 min. 01 seg.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pV9OUcBxlGo>. Acesso em: 31 dez. 2024.

⁵¹ *Ibidem*.

⁵² *Ibidem*.



ditadura e olhando pros milicos que estavam lá, pros generais que estavam assistindo o desfile ficaram tão revoltados que viraram as costas, desceram e foram embora ⁵³.

Segundo Humberto Rocha Cunha, em entrevista sobre sua memória sobre a participação em atividades de oposição a Ditadura militar, concedeu no seu depoimento as informações do cenário de 1968, onde ele era um estudante de Agronomia, da faculdade de Ciências Agrárias do Pará. Ele participou das manifestações de rua organizando ações de enfrentamento aos governos militares, dentre eles “a preparação do congresso de Ibiúna, [onde] foram todas em assembleias abertas” ⁵⁴.

Enquanto que para Hecilda Mary Veiga ao rememorar os acontecimentos do Congresso de Ibiúna, Hecilda destacou que a delegação paraense que participou da organização, contou com a presença de Arnaldo Barreto, estudante de Engenharia; Vanilson, estudante do curso de Direito, e além deles, Zé Alberto Capiberibe, porém, ele não conseguiu chegar lá, “tanto que os presos nossos foram dois. Aí eu me lembro que foi no início do segundo semestre de 1968” ⁵⁵. Ela rememorou que a delegação foi tirada numa assembleia realizada no auditório de Medicina, de acordo com ela, “eu me lembro que com muita gente, muito debate e eu só escutando. Aí eu percebi que havia disputas, algumas pessoas eu consegui identificar na época”⁵⁶. Em entrevista, ela prossegue narrando que os grandes debates, as grandes discussões e a questão da delegação que ficaram em sua memória diz respeito ao fato dos que puderam ir e se deslocar até lá, “porque a queda de Ibiúna vai ser em dia 12 de outubro de 1968. O AI-5 vem dia 13 de dezembro de 1968” ⁵⁷.

⁵³ UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Faculdade de História. FONTES, Edilza Joana Oliveira. **A UFPA e os Anos de Chumbo: memórias, traumas, silêncios e cultura educacional (1964-1985)** – Entrevista com Humberto Rocha Cunha. Belém: UFPA, 2014. 1 vídeo (2h 01min. e 13 seg.). Disponível em: <http://www.multimidia.ufpa.br/jspui/handle/321654/1277>. Acesso em: 29 dez. 2024.

⁵⁴ UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Faculdade de História. FONTES, Edilza Joana Oliveira. **A UFPA e os Anos de Chumbo: memórias, traumas, silêncios e cultura educacional (1964-1985)** – Entrevista com Hecilda Mary Veiga. Belém: UFPA, 2014, 1 vídeo (1h 24min e 02 seg.). Disponível em: <http://multimidia.ufpa.br/jspui/handle/321654/1276>. Acesso em: 30 dez. 2024

⁵⁵ **Ibidem.**

⁵⁶ **Ibidem.**

⁵⁷ **Ibidem.**



Dentre os presos no Congresso de Ibiúna estavam estudantes paraenses. A repressão amedrontou a grande massa dos estudantes, no entanto, o movimento estudantil, mesmo em menor número, volta às ruas, protestando, clamando pela libertação dos estudantes presos. O governo militar aperta o cerco, e acontecem novas prisão de estudantes em todos o país.

Os alunos do curso de Medicina da UFPA convidaram Juscelino Kubitschek para ser o paraninfo da turma de 1968.

E a formatura acontece no dia 11 de dezembro de 1968 com a presença do Juscelino Kubitschek, o Juscelino tinha voltado do exílio 68, o Juscelino entra aqui na base aérea e os militares todos batendo continência por Juscelino cassado, essa cidade parou com a chegada do Juscelino, as pessoas todas de bandeirinha na mão porque era um homem que tinha fundado Belém-Brasília. A formatura se deu no estádio do Clube do Remo, não foi no Teatro da Paz ou na faculdade, fizemos porque ia ser uma grande manifestação política. O Juscelino produziu um turbilhão nessa terra, as pessoas na porta do ginásio do Clube do Remo pela Braz de Aguiar e gritando abaixo a ditadura, abaixo a ditadura, foi uma coisa sensacional. o Juscelino queria saber qual era assim que nós íamos dizer porque ele ia botar o seu discurso, após mostrar o discurso para ele, que era a história de um paciente chamado Brasil e aí o pau cantava, era uma conclamação para que as pessoas não parassem a luta política, derrubada de ditadores e ele pediu, grifou uma porção de coisas assim pediu pra gente não dizer aquilo, faça isso, assim e assado, ele botou uma série de metáforas que pudessem reduzir. Foi a última manifestação política de Belém no Pará em 68 ⁵⁸.

Em 13 de dezembro de 1968 teremos a decretação do AI-5. Camillo Silva Montenegro Duarte era deputado federal do Pará, pela ARENA. Professor de direito da UFPA e funcionário do Banco da Amazônia. Era membro da Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados. Esta comissão julgou o pedido de cassação do deputado Márcio Moreira Alves feito pelo governo do General Costa e Silva. Em depoimento ao projeto “A UFPA e os Anos Chumbo: memória, trauma, silêncio e cultura educacional (1964-1985)”, o deputado Camillo Montenegro detalha os dias antecederão ao AI-5, em Brasília. “Eu fui substituído da Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados, em

⁵⁸ UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Faculdade de História. FONTES, Edilza Joana Oliveira. **A UFPA e os Anos de Chumbo: memórias, traumas, silêncios e cultura educacional (1964-1985)** – Entrevista com Ruy Antonio Barata. Belém, UFPA, 2014, 1 vídeo (1h 14 min. e 46 seg.). Disponível em: <http://www.multimidia.ufpa.br/jspui/handle/321654/1285>. Acesso em: 31 dez. 2024.



1968. Fui substituído por um dentista”. O governo Costa e Silva substituiu toda a Comissão de Constituição e Justiça por deputados que não eram juristas. Foram substituídos por dentistas, médicos, agrônomos, veterinários. O deputado Camillo Montenegro recebeu um telefonema pessoal do Ministro Rondon Pacheco, que era deputado, pedindo que o deputado Camillo Montenegro fosse para Brasília, conversar com o presidente Costa e Silva. O deputado Camillo havia chegado ao Rio de Janeiro, de uma viagem parlamentar, onde representou a Câmara dos Deputados na Europa, mais precisamente em Londres e Viena. O deputado foi a Brasília para reunião com o presidente, ela foi a tarde, por volta das 14 h. Segundo depoimento prestado ao Projeto, o presidente Costa e Silva teria dito a Montenegro: “eu estou passando por um momento muito difícil, os meus companheiros militares querem que eu feche o congresso” ⁵⁹. Teria dado detalhes de comandantes das unidades militares que estavam contra ele, mas “ele esperava que a Comissão da Constituição e Justiça, que iria reunir na noite seguinte, autorizasse a cassação do deputado Márcio Moreira Alves” ⁶⁰. O deputado Camillo Montenegro teria dado a seguinte resposta ao presidente:

O senhor sabe da amizade que eu tenho pelo senhor (...), mas eu queria que o senhor soubesse o seguinte: eu sou o direito a faculdade de direito da Universidade Federal do Pará. Sou deputado eventualmente, fui eleito por quatro anos, já imaginou o senhor no momento que eu tiver que voltar à Universidade? Como justificar meu voto? ⁶¹

A constituição era explícita e não permitia a cassação. O deputado, mesmo da ARENA, sabia disto, ele era jurista. Ele usa sua posição de professor de direito constitucional, o respeito de seus alunos da UFPA, ao direito que ele sempre defendeu, e solicita ao presidente Costa e Silva que “leve em consideração a sua vida, de advogado, professor e o veja como este perfil, e não como um político, muito menos “um político radical” ⁶², e pediu que o presidente compreendesse e respeitasse o seu ponto de vista. O presidente teria respondido

⁵⁹ UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Faculdade de História. FONTES, Edilza Joana Oliveira. **A UFPA e os Anos de Chumbo: memórias, traumas, silêncios e cultura educacional (1964-1985)** – Entrevista com Camilo Silva Montenegro Duarte. Belém: UFPA, 2014. 1 vídeo (57 min. e 17 seg.). Disponível em: <http://www.multimidia.ufpa.br/jspui/handle/321654/1309>. Acesso em: 28 dez. 2024.

⁶⁰ **Ibidem.**

⁶¹ **Ibidem.**

⁶² **Ibidem.**



“Montenegro, eu compreendo a sua posição, quero lhe dizer que farei tudo para não acontecer nada mais grave (...), mas não posso garantir” ⁶³.

O ministro Gama e Silva estava em Brasília e pressionou o deputado José Bonifácio de Andrade e Silva que era presidente da Câmara, para substituir os membros da Comissão de Constituição e Justiça. Com a comissão modificada, foi aprovada a cassação do deputado Márcio Moreira Alves. O Congresso Nacional se reuniu dias depois, das substituições da Comissão de Constituições e Justiça, no dia 13 de dezembro. O Congresso estava todo cercado por militares armados. É rejeitada a cassação. Os deputados cantaram o hino nacional, depois da sessão. Muitos deputados choraram. Foi a última sessão do Congresso Nacional. Vários deputados deixaram Brasília em comboios. O deputado Montenegro foi para o Rio de Janeiro. Os comboios eram parados. Havia listas de pessoas para serem presas, por patrulhas do exército, da marinha e da aeronáutica. Estas patrulhas liberavam ou não quem deveria seguir viagem.

A derrota do governo Costa e Silva na votação da Câmara, cria uma situação grave. O governo foi derrotado por 216 votos a 141 e 12 abstenções. Ganha a defesa da imunidade parlamentar. Mais de 30 deputados da ARENA, partido do governo votaram contra o governo. O presidente Costa e Silva estava isolado. A Ditadura respondeu com o AI-5, que subjugava a constituição de 1967 ao poder executivo. O presidente poderia fechar o parlamento, cassar mandatos e direitos políticos, confiscar bens acumulados no exercício de cargos públicos, censurar a imprensa, decretar estado de sítio, suspender os habeas corpus para crimes políticos, contra a segurança nacional, suspender as garantias de vitaliciedade, imobildade e estabilidade de servidores públicos. O governo poderia demitir, renovar ou aposentar os servidores públicos, sem processo ou inquérito regular.

A primeira lista dos cassados pelo AI-5 foi publicizada no dia 14 de dezembro de 1968. A segunda lista em fevereiro de 1969. O deputado Camillo Montenegro foi cassado do mandato parlamentar, foi aposentado compulsoriamente das funções de advogado do Banco da Amazônia e de professor titular da UFPA.

O ex-deputado Camillo Montenegro passou a advogar no Rio de Janeiro e foi anistiado, quando voltou para UFPA, e para o Basa. Quando foi cassado em

⁶³ **Ibidem.**



1969, ele lembrou que teve visitas na sua residência na Avenida José Malcher. Sentiu uma solidariedade temerosa, um clima de muita violência, de terror, um terror nas consciências, um medo de seus amigos de serem vistos com ligação com opositores da ditadura. “Fui para o Rio de Janeiro onde fui convidado para a atuação em escritórios de advocacia” ⁶⁴, declarou o ex-deputado Camillo Montenegro.

O AI-5 durou 10 anos e foi extinto em 1978. Neste período ocorreram perseguições, capturas, torturas e desaparecimentos. No Pará, podemos citar a prisão e tortura dos estudantes Paulo Fonteles e Hecilda Veiga, casados, ela grávida de seu primeiro filho, o Paulo Fonteles Filho. Foram presos em Brasília e torturados, na dependência do exército, foram condenados e transferidos para a cadeia de São José em Belém, acusados de terrorismo. Um relato desta prisão e das torturas estão no projeto “A UFPA e os Anos Chumbo: memória, trauma, silêncio e cultura educacional (1964-1985)”. Humberto Cunha, estudante de Agronomia da FCAP e Isabel Cunha estudante de História da UFPA, foram presos em Minas Gerais foram torturados e transferidos para Belém. Carlos Sampaio era estudante de Direito da UFPA e foi preso, torturado e fica desaparecido, foi acusado de organizar ALN (Ação Libertadora Nacional) no Pará. Flávio Salles, estudante de Direito da UFPA, militante da ALN, foi quem organizou o assalto a fábrica de sorvete Gelar, visando recursos para a organização. Foi processado e acusado de terrorismo. Foi para a clandestinidade e para o exílio em Portugal.

Estes são exemplos de uma grande lista de jovens que viveram o 1968 e sonharam com um país mais livre ⁶⁵. Ousaram enfrentar a Ditadura Militar.

⁶⁴ **Ibidem.**

⁶⁵ Gostaríamos de realizar aqui a especial menção honrosa a atuação de Raimundo Netuno Nobre Villas, nascido em Abaetetuba, porém, criado em Belém do Pará, foi estudante de Geologia da Universidade Federal do Pará no ano de 1968. Mudou-se para o Rio de Janeiro a 4 de janeiro de 1967, e até o ano de 1967, Raimundo Netuno integrou o movimento estudantil, onde considerou que lá considerou que teve um impacto extraordinário, segundo ele, porque o ambiente político no Rio de Janeiro era muito mais efervescente, uma vez que seu depoimento pontuou que: “você começava a ter informações, contato, nós frequentávamos a Faculdade de Filosofia, que era um local onde a esquerda realmente estava atuando”. Devido à sua militância contra a Ditadura militar, Raimundo Netuno foi preso na Ponte Rio-Niterói, no Rio de Janeiro, enquanto realizava a distribuição de panfletos contra a Guerra do Vietnã. Após ter sido preso, por ocasião de uma soltura, ele fugiu para os EUA resultando na sua condenação à revelia no Brasil. Raimundo Netuno Nobre Villas voltou ao Brasil em 1976 três anos antes da lei de Anistia aos presos políticos nos governos militares. Cf. UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Faculdade de História. FONTES, Edilza Joana Oliveira. **A UFPA e os Anos de Chumbo: memórias, traumas, silêncios e cultura educacional (1964-1985)** – Entrevista com Raimundo Netuno Nobre Villas. Belém: UFPA, 2014, 1 vídeo (1h 04 min. e 07 seg.). Disponível em: <http://www.multimidia.ufpa.br/jspui/handle/321654/1280>. Acesso em: 31 dez. 2024.



Muitas histórias ainda estão por serem narradas, muitas memórias ainda estão por serem registradas.

O uso das memórias como fonte para a história tornou-se importante para visibilizar processos históricos com novos sentidos. O uso de fontes orais abre um espaço de narração, um espaço compartilhado. Uma experiência de aprendizagem para o historiador ⁶⁶. Aprendemos muito sobre 1968 e o pós-AI-5. As memórias nos emprestam as palavras que utilizamos em nossos trabalhos, mas, cuidadosamente analisadas, pois, temos responsabilidade com os entrevistados. Suas memórias passam a fazer parte do discurso historiográfico sobre determinado processo histórico.

Dia 13 de dezembro de 2024 faz 56 anos do AI-5. É hora de lembrar para não deixar acontecer novamente. Ditadura nunca mais.

Data de submissão: 31/12/2024

Data de aceite: 05/04/2025

FONTES ORAIS

1968: CINQUENTA ANOS DEPOIS. Documentário por Edilza Joana Oliveira Fontes – Entrevista com Luiz Roberto Tenório. 2018. 1 vídeo (21 min. e 23 seg.) Disponível em: https://www.memorialcesarleite.com.br/extras/documentarios/50_anos_depos. Acesso em: 30 dez. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Faculdade de História. FONTES, Edilza Joana Oliveira. **A UFPA e os Anos de Chumbo: memórias, traumas, silêncios e cultura educacional (1964-1985)** - Entrevista com Elson Luiz Rocha. Monteiro. Belém: UFPA, 2014. 1 vídeo. (58min. e 35 seg.). Disponível em: <http://www.multimidia.ufpa.br/jspui/handle/321654/1272>. Acesso em: 28 dez. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Faculdade de História. FONTES, Edilza Joana Oliveira. **A UFPA e os Anos de Chumbo: memórias, traumas, silêncios e cultura educacional (1964-1985)** - Entrevista com Aluizio Lins Leal. Belém: UFPA, 2014. 1 vídeo. (1h 02 min. e 50 seg.). Disponível em: <http://www.multimidia.ufpa.br/jspui/handle/321654/1264>. Acesso em: 28 dez. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Faculdade de História. FONTES, Edilza Joana Oliveira. **A UFPA e os Anos de Chumbo: memórias, traumas, silêncios e cultura educacional (1964-1985)** - Entrevista com José Miguel Martins Veloso.

⁶⁶ PORTELLI, Alessandro. “História Oral e Poder”. *Mnemosine*, v. 6, n. 2, p. 2-13, 2010.



Belém: UFPA, 2014. 1 vídeo. (1h 13 min. e 19 seg.). Disponível em: <http://www.multimidia.ufpa.br/jspui/handle/321654/1288>. Acesso em: 28 dez. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Faculdade de História. FONTES, Edilza Joana Oliveira. **A UFPA e os Anos de Chumbo: memórias, traumas, silêncios e cultura educacional (1964-1985)** – Entrevista com Roberto Ribeiro Corrêa. Belém: UFPA, 2014, 1 vídeo (1h 34 min. e 44 seg.). Disponível em: <http://www.multimidia.ufpa.br/jspui/handle/321654/1282>. Acesso em: 31 dez. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Faculdade de História. FONTES, Edilza Joana Oliveira. **A UFPA e os Anos de Chumbo: memórias, traumas, silêncios e cultura educacional (1964-1985)** – Entrevista com Waldir Paiva Mesquita. Belém: UFPA, 2014, 1 vídeo (1h 21 min.). Disponível em: <http://www.multimidia.ufpa.br/jspui/handle/321654/1289>. Acesso em 31 dez. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Reitoria. FONTES, Edilza Joana Oliveira. **Universidade Multicampi – 25 anos de ensino superior regionalizado no Pará: entrevista com Maria de Nazaré dos Santos Sarges**. Belém: UFPA, 2012. 1 vídeo (1h 08min. e 29 seg.). Disponível em: <http://www.multimidia.ufpa.br/jspui/handle/321654/1066>. Acesso em: 31 dez. 2024.

CINE JORNAL INFORMATIVO Nº 180. Recorte de vídeo produzido pela Casa Civil da Presidência da República e disponibilizado pelo Arquivo Nacional. [S. l.] [S. d.], 1968, 1 vídeo (08 min. 01 seg.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pV9OUcBxlGo>. Acesso em: 31 dez. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Faculdade de História. FONTES, Edilza Joana Oliveira. **A UFPA e os Anos de Chumbo: memórias, traumas, silêncios e cultura educacional (1964-1985)** – Entrevista com Humberto Rocha Cunha. Belém: UFPA, 2014. 1 vídeo (2h 01min. e 13 seg.). Disponível em: <http://www.multimidia.ufpa.br/jspui/handle/321654/1277>. Acesso em: 29 dez. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Faculdade de História. FONTES, Edilza Joana Oliveira. **A UFPA e os Anos de Chumbo: memórias, traumas, silêncios e cultura educacional (1964-1985)** – Entrevista com Hecilda Mary Veiga. Belém: UFPA, 2014, 1 vídeo (1h 24min e 02 seg.). Disponível em: <http://multimidia.ufpa.br/jspui/handle/321654/1276>. Acesso em: 30 dez. 2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Faculdade de História. FONTES, Edilza Joana Oliveira. **A UFPA e os Anos de Chumbo: memórias, traumas, silêncios e cultura educacional (1964-1985)** – Entrevista com Ruy Antonio Barata. Belém, UFPA, 2014, 1 vídeo (1h 14 min. e 46 seg.). Disponível em: <http://www.multimidia.ufpa.br/jspui/handle/321654/1285>. Acesso em: 31 dez. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Faculdade de História. FONTES, Edilza Joana Oliveira. **A UFPA e os Anos de Chumbo: memórias, traumas, silêncios e cultura educacional (1964-1985)** – Entrevista com Camilo Silva Montenegro Duarte. Belém: UFPA, 2014. 1 vídeo (57 min. e 17 seg.). Disponível em: <http://www.multimidia.ufpa.br/jspui/handle/321654/1309>. Acesso em: 28 dez.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Faculdade de História. FONTES, Edilza Joana Oliveira. **A UFPA e os Anos de Chumbo: memórias, traumas, silêncios e cultura educacional (1964-1985)** – Entrevista com Raimundo Netuno Nobre Villas. Belém: UFPA, 2014, 1 vídeo (1h 04 min. e 07 seg.). Disponível em: <http://www.multimidia.ufpa.br/jspui/handle/321654/1280>. Acesso em: 31 dez. 2024.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHRISPINIANO, José; PICANÇO, Marcy. “Na criação do DCE livre, uma derrota da Ditadura”. **Revista Adusp**, outubro de 2004, p.69-73.

COIMBRA, Maria Natércia. “O Dever de não Esquecer como Dever de Preservar o Legado Histórico”. In: SANTOS, Boaventura de Sousa [et. al.] (Org.). **Repressão e Memória Política no Contexto Ibero-Brasileiro: Estudos sobre Brasil, Guatemala, Moçambique, Peru e Portugal**. Brasília: Ministério da Justiça, Comissão de Anistia; Portugal: Universidade de Coimbra, Centro de Estudos Sociais, 2010.

HERLER, Thomaz Joezer. **Formação e Trajetória do Primeiro MR-8: possibilidades e limites de construção de uma vanguarda revolucionária político-militar (1964-1969)**. Tese (Doutorado em História, Poder e Práticas Sociais), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2015, p.29.

ICL NOTÍCIAS. BRISO, Caio Barretto. **Vítimas da tortura relembram violência covarde sofrida na ditadura militar** – Entrevista com Luiz Roberto Tenório. [s. l], [s. d]. Disponível em: <https://iclnoticias.com.br/vitimas-tortura-relembram-da-ditadura-militar>. Acesso em: 30 dez. 2024.

KAREPOV, Dainis. **Luta subterrânea: o PCB em 1937-1938**. São Paulo: Hucitec, Unesp, 2003, p. 23.



MOTTA, Rodrigo Patto Sá. “Sobre as origens e motivações do Ato Institucional 5”.

Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 38, n. 79, p.195-216, 2018.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PORTELLI, Alessandro. “História Oral e Poder”. **Mnemosine**, v. 6, n. 2, p. 2-13, 2010.

TORRES, Carla M. Ramos. “A União Nacional dos Estudantes: História, Educação e Política no Brasil na década de 1960”. In: XI REUNIÃO CIENTÍFICA REGIONAL DA ANPED – Educação, movimentos sociais e políticas governamentais, Curitiba, UFPR, 2016, p. 1-12 (Anais Eletrônicos).

